

LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO NAS MEMÓRIAS DE TEODORICO RAPOSO¹

LEGITIMATION OF THE SPEECH IN TEODORICO RAPOSO'S MEMORIES

Marcio Jean Fialho de Sousa
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

Resumo: A caracterização do discurso literário tem como base, essencialmente, a ambiguidade, a ficcionalidade, porém quando esses elementos estão dispostos no discurso de Eça de Queirós e, além disso, estão na escrita cujo narrador se constrói em primeira pessoa, como em *A Relíquia*, esses elementos ganham novas formas, novos desafios para a interpretação. Desse modo, o objetivo deste artigo é analisar a construção do discurso memorialístico de Teodorico Raposo, buscando evidenciar aspectos importantes para o estabelecimento de contratos de leitura no binômio narrador-leitor, no qual o narrador busca legitimar as histórias por ele narradas.

Palavras-chave: Eça de Queirós; pacto de leitura; legitimação; *A Relíquia*.

Abstract: The characterization of literary discourse is essentially ambiguous, factor responsible for promoting fictionality, but when these elements are arranged in the discourse of Eça de Queiroz and, moreover, are in the writing whose narrator is in the first person, as in *The Relic*, these elements gain new forms, new challenges of interpretation. Thus, the purpose of this paper is to analyze the construction of the memorialistic discourse, seeking to highlight important aspects for the establishment of contracts of reading in the binomial narrator-reader, in which the narrator seeks to legitimize the stories narrated by itself.

Keywords: Eça de Queirós; reading agreement; legitimation; *The Relic*.

Introdução

O discurso do narrador em *A Relíquia*, sendo uma narrativa em primeira pessoa, vai se construindo a partir da focalização seletiva e interessada e, por isso, tendenciosa. Esse fenômeno ocorre porque para ao narrador que

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

participa da história é vedado saber tudo o que se passa no espírito das outras personagens do enredo, logo, segundo afirma Maria do Rosário Cunha (1997), esse tipo de texto “Trata-se-á sempre, portanto, de uma visão falível, porque incompleta e necessariamente contaminada pelo envolvimento mais ou menos directo nos factos daquele sobre que recai a responsabilidade da narração”². Além disso, dentro de suas limitações, o narrador infalivelmente apresenta sua narrativa a partir de um olhar possível dos fatos narrados, ou seja, o leitor toma conhecimento apenas de uma parte da narrativa, conhece apenas uma versão dos fatos.

N’A *Relíquia* (1888), portanto, o narrador autodiegético apresenta-se de forma despido, revelando, já no início do texto, a finalidade de sua escrita. Conforme observa Maria Luiza Ritzel Remédios (1997), é a partir desse objetivo apresentado pelo leitor que se torna indispensável o contrato de leitura da obra, deste modo, o pacto com o leitor é “importante para despertar o interesse pelos verdadeiros problemas humanos”³.

Essa tentativa de estabelecimento do contrato fiduciário é feita por Teodorico a partir de estratégias que parodiam os aspectos da escrita de si, isso porque ele parece não fazer esforço algum para tentar ludibriar seu leitor diante daquilo que se propõe a contar. Pelo contrário, sua escrita, desde as primeiras linhas, vai se revelando irônica, por vezes sarcástica para com sua ingenuidade juvenil e para com todas as personagens envolvidas. Isso desconcerta o leitor, que permanece inseguro acerca da cumplicidade que pode estabelecer com Teodorico, já que não tem clareza dos valores assumidos por esse narrador na maturidade, o que só acontece no último momento da narrativa, quando tudo se revela.

Teodorico e o diálogo com o leitor

² CUNHA, 1997, p. 36.

³ REMÉDIOS, 1997, p. 403.

Ao procurar estabelecer seu contrato fiduciário com o leitor, de forma meio às avessas, Teodorico apresenta os motivos que o teriam levado a escrever suas memórias:

Decidi compor, nos vagares deste verão, na minha quinta do *Mosteiro* (antigo solar dos condes de Lindoso), as memórias da minha vida – que neste século, tão consumido pelas incertezas da inteligência e tão angustiado pelos tormentos do dinheiro, encerra, penso eu e pensa meu cunhado Crispim, uma lição lúcida e forte.⁴

Primeiramente, Teodorico afirma que decidiu compor, como se de repente isso lhe tivesse ocorrido, uma vez que não tinha nada mais importante para fazer. Deu-se ao exercício da escrita, como se nenhum interesse pessoal o tivesse motivado, tanto é que inicia seu discurso com a expressão “nos vagares deste verão”, como se se tratasse de um passatempo. Outro elemento importante é que, ao afirmar que “decidiu compor”, Teodorico imediatamente complementa essa afirmação anunciando o gênero que selecionou para sua obra: “as minhas memórias”, dizendo ainda que essas memórias seriam escritas em um contexto cheio de incertezas intelectuais e angústias motivadas pela busca desenfreada por riqueza.

Como se pode observar, o narrador, no parágrafo inicial, delimita o campo de seu discurso àquilo que considera relevante a ser pretensiosamente “ensinado”, depois de ter avaliado “lucidamente” seu trajeto de vida, e depois de ter aprendido uma lição supostamente moral. Escreve depois de passar por um processo do engano para o desengano, isto é, da busca incessante pela riqueza por meio de mentiras e expedientes, para a verdade decepcionante de não se constituir como herdeiro de Titi, vendo-se na contingência de traçar outros caminhos para adquirir a riqueza que tanto sonhara.

Outro ponto a ser analisado é que Teodorico afirma que sua narrativa era o resultado de “uma lição lúcida e forte”, o que chama muita a atenção, instigando o leitor a buscar tal lição. Lúcida diz respeito a uma tomada de consciência moral de vida, refere-se, porém, a uma moral que nega a própria

⁴ QUEIRÓS, s. d., p. 05.

noção de moral, já que Teodorico desconhece valores humanos e só se fundamenta na eficácia de suas próprias ações.

Quanto ao adjetivo “forte”, este se aplica à intensidade da experiência e da consciência adquirida por Teodorico, isto é, ainda que tenha sido desmascarado por sua tia, ele assume sua hipocrisia e, mais do que isso, reconhece que essa hipocrisia é um fator social, é uma condição para a sobrevivência na sociedade na qual está inserido. É a partir desses princípios que, então, casa-se por interesse com Dona Jesuína, personagem que aparecerá somente no final do romance, e, com isso, consegue adquirir os bens que tanto almejava, tal como a própria quinta do Mosteiro, que antes pertencera a Dona Patrocínio e que havia sido herdada pelo padre Negrão.

Em seguida, revela ao leitor que a ideia de escrever suas memórias ocorreu quando estava em sua “quinta do *Mosteiro* (antigo solar dos condes de Lindoso)”. Esse lugar é de extrema importância para o desfecho de suas memórias, afinal Teodorico fora uma criança desafortunada, órfã de pai e mãe e, sem nada, levado para a casa de sua tia, onde fez de tudo para herdar a riqueza de D. Patrocínio, da qual fazia parte a quinta do Mosteiro, que acaba adquirindo por outro caminho. Ainda que o leitor só tome conhecimento dessa informação no último capítulo do romance, a imagem do narrador sóbrio e sincero que Teodorico afirma sustentar não demora muito a cair em descrédito, já que aos poucos vai revelando suas ironias e contradições.

Ainda no primeiro parágrafo desse preâmbulo, Teodorico apresenta pelo menos mais duas informações que chamam a atenção do leitor. A primeira diz respeito à afirmação de que, no século em que escreve, a inteligência⁵ aos poucos, estava sendo consumida pelas incertezas da modernidade, ou seja, tudo poderia ser questionado, inclusive suas pretensas *Memórias* e seu discurso.

Ressalta-se que Teodorico data suas memórias com o ano de 1875, posterior à grande divulgação das ideias das *Conferências do Casino Lisbonense*, realizadas em 1871, nas quais os valores cristalizados pela cultura

⁵ Aqui compreendida como a razão absoluta de valores cristalizados como herança da Idade Média.

portuguesa, tal como a cultura religiosa católica, a monarquia e a valorização dos feitos das grandes navegações, por exemplo, são apontados como vilões responsáveis pela decadência política, econômica e cultural de Portugal. Além disso, é no ano de 1875 que a primeira versão de *O crime do Padre Amaro* começa a ser publicada, em folhetim, na *Revista Ocidental*⁶, tornando-se o marco da literatura de combate e crítica social intitulada de Realismo.

A segunda informação diz respeito a um argumento de autoridade, quando Teodorico afirma que seu cunhado Crispim é uma testemunha da “lição lúcida e forte” que aprendeu. Mas quem é Crispim, além de ser o cunhado, para poder endossar o relato de Teodorico? Que acesso temos a seu julgamento dos fatos? Que autoridade teria ele para validar essas memórias? Crispim é tão pragmático quanto Teodorico, pois arranja o casamento da irmã com o amigo mesmo sabendo que o interesse deste é apenas a fortuna e que não sente nada por sua irmã. Assim, mais uma vez, Teodorico satiriza os recursos que caracterizam uma escrita eficaz, ironizando-os como recursos de validação de falsos argumentos.

Em seguida, como que assumindo um jogo discursivo com o leitor, Teodorico apresenta um relato aparentemente mais sério. Diz ele:

Em 1875, nas vésperas de Santo Antônio, **uma desilusão de incomparável amargura abalou meu ser**; por esse tempo minha tia, D. Patrocínio das Neves, mandou-me do Campo de Santana, onde morávamos, em romagem a Jerusalém; dentro dessas santas muralhas, num dia abrasado do mês de Nizam, sendo Pôncio Pilatos procurador da Judéia, Élio Lama, Legado Imperial da Síria e J. Caifás, Sumo Pontífice, testemunhei, miraculosamente, escandalosos sucessos; depois voltei, e **uma grande mudança se fez nos meus bens e na minha moral**. São estes casos, espaçados e altos numa existência de bacharel como, em campo de erva ceifada, fortes e ramalhosos sobreiros cheios de sol e murmúrio, que quero traçar, **com sobriedade e com sinceridade**, enquanto no meu trabalho voam as andorinhas, e as moutas de cravos vermelhos perfumam o meu pomar. Esta jornada à terra do Egito e à Palestina permanecerá sempre como a glória superior da minha carreira; e bem

⁶ *O crime do Padre Amaro* começa a ser publicado em sete fascículos na *Revista Ocidental*, fundada por Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, no dia 15 de fevereiro de 1875, prolongando-se até 15 de maio do mesmo ano (Cf.: MATOS, 2010, p. 390).

Dossiê Literatura e Afeto

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

desejaria que dela ficasse nas letras, para a posteridade, um monumento airoso e maciço. Mas hoje, **escrevendo por motivos peculiarmente espirituais**, pretendi que as páginas íntimas, em que a relembro, se não assemelhassem a um *Guia Pitoresco do Oriente*. Por isso (**apesar das solicitações da vaidade**), suprimi neste manuscrito suculentas, resplandecentes narrativas de ruínas e de costumes...⁷

Nesse longo fragmento, toda a aparente seriedade ao apresentar dados históricos perde o valor, pois Teodorico apresenta dados que em nada se relacionam à época em que fez a viagem à Jerusalém, mas sim aos tempos em que Jesus ainda caminhava entre seus discípulos. Isso porque o narrador mistura elementos contemporâneos a outros que lhe seriam justificados apenas no terceiro capítulo do romance, onde se relata, com riqueza de detalhes, o sonho que teve com a Paixão de Cristo.

Ao afirmar que escreve por motivações espirituais, Teodorico utiliza-se de ironia frente aos seus leitores, pois, como poderá ser comprovado no decorrer da narrativa, em nenhum momento ele apresenta qualquer reflexão espiritual, sendo seus atos e pensamentos sempre caracterizados pela hipocrisia e pela desfaçatez.

Cabe aqui apontar também que o narrador, numa pretensa tentativa de estabelecer um contrato fiduciário com o leitor, afirma que descreverá com “**sobriedade** e com **sinceridade**”⁸ os fatos que lhe aconteceram, mas esses adjetivos não seriam, por fim, suficientes para convencer um leitor atento de que suas palavras e relatos são verdadeiros, haja vista que antes dessa afirmação já haviam sido apresentados dados históricos não condizentes uns com os outros.

E como se essas justificativas não fossem suficientes, acrescenta ainda que “apesar das solicitações da vaidade”, não incluiu em suas memórias elementos que retratariam aspectos geográficos e de costumes de Jerusalém. Nesse trecho, Teodorico busca explorar o interesse do leitor oitocentista pela literatura pitoresca do Oriente, dizendo que poderia oferecer-lhe as tais “suculentas, resplandecentes narrativas de ruínas e de costumes”, mas que

⁷ QUEIRÓS, s. d., p. 05-06, grifos nossos.

⁸ QUEIRÓS, s. d., p. 06.

prefere dar-lhe um livro de viés moralizador – é uma grande ironia que o leitor no início de sua leitura ainda não tem condições plenas de identificar, mas já pode suspeitar de sua existência em vista das afirmações um tanto confusas apresentadas pelo narrador.

Ainda para cancelar sua suposta autoridade, como de quem experimentou uma lição de vida, Teodorico recomenda aos seus leitores a leitura do livro do doutor pela Universidade de Bonn, o historiador alemão Topsius, no qual poderiam ser encontrados os aspectos que suprimiu em sua obra, mas que não passaram despercebidos na obra do tão ilustre pesquisador:

Entretanto, como há espíritos insaciáveis que, lendo de uma jornada pelas terras da Escritura, anelam conhecer desde o tamanho das pedras até ao preço da cerveja, eu recomendo a obra copiosa e luminosa do meu companheiro de romagem, o alemão Topsius, doutor pela Universidade de Bonn e membro do *Instituto Imperial de Escavações Históricas*. São sete volumes in quarto, atochados, impressos em Leipzig, com este título fino e profundo – JERUSALÉM PASSEADA E COMENTADA.

Em cada página, desse sólido itinerário, o douto Topsius fala de mim, com admiração e com saudade. Denomina-me sempre *ilustre fidalgo lusitano*; e a fidalguia do seu camarada, que ele faz recomendar aos Barcas, enche manifestadamente o erudito plebeu de delicioso orgulho. Além disso o esclarecido Topsius aproveita-me, através desses repletos volumes, para pendurar, ficticiamente, nos meus lábios e no meu crânio, dizeres e juízos ensopados de beata e babosa credulidade – que ele logo rebate e derroca com sagacidade e facúndia! Diz, por exemplo: - “Diante de tal ruína, do tempo da Cruzada de Godofredo, o ilustre fidalgo lusitano pretendia que Nosso Senhor, indo um dia com a Santa Verônica...” – E logo alastra a tremenda, túrgida argumentação com que me deliu. Como, porém, as arengas que me atribui não são inferiores, em sábio chorume e arrogância teológica, às de Bossuet, eu não denunciei numa nota à *Gazeta de Colônia* – por que tortuoso artifício a afiada razão da Germânia se enfeita, assim de triunfos, sobre a romba fé do Meio-Dia⁹.

Claro que Teodorico não apenas apresenta uma proposta de leitura, mas também apresenta uma obra que, teoricamente, fala sobre ele, sobre sua

⁹ QUEIRÓS, s. d., p. 08-10.

grandeza, não deixando de citar, com um tom de arrogância, a passagem em que Topsius o coloca no mesmo nível intelectual de Bossuet, afinal foi “a afiada razão da Germânia” que assim o classificou.

Como se isso não fosse o suficiente, Teodorico ainda se vê no direito de questionar alguns pontos apresentados por Topsius na obra que escreveu, particularmente aqueles onde o historiador se refere ao ilustre fidalgo lusitano:

Há, porém, um ponto de JERUSALÉM PASSEADA, que não posso deixar sem enérgica contestação. É quando o doutíssimo Topsius alude a dois embrulhos de papel, que me acompanharam e me ocuparam, na minha peregrinação, desde as vielas de Alexandria até às quebradas do Carmelo. Naquela forma rotunda que caracteriza a sua eloquência universitária, o doutor Topsius diz: “O ilustre fidalgo lusitano transportava ali restos dos seus antepassados, recolhidos por ele, antes de deixar o solo sacro da pátria, no seu velho solar torreado!...” Maneira de dizer singularmente falaz e censurável! Porque faz supor, à Alemanha erudita, que eu viajava pelas terras do evangelho – trazendo embrulhinho num papel pardo os ossos dos meus avós!¹⁰

Afinal, supor que ele carregava os ossos de seus avós poderia desqualificá-lo diante da “burguesia liberal, onipresente e onipotente” (QUEIRÓS, s. d., p. 12). Sua imagem deveria ser preservada, já que, como relata Teodorico:

Eu tenho filhos, tenho ambições. Ora, a burguesia liberal aprecia, recolhe, assimila com alacridade um cavalheiro ornado de avoengos e solares; é o vinho precioso e velho que vai apurar o vinho novo e cru; mas com razão detesta o bacharel, filho de algo, que passeie por diante dela, enfunado e teso, com as mãos carregadas de ossos de antepassados – como um sarcasmo mudo aos antepassados e aos ossos que a ela lhe faltam¹¹.

Nesse fragmento fica evidente que o que interessava a Teodorico era a preservação e até mesmo a constituição de sua imagem diante da burguesia liberal, à qual desejava integrar, pois obter riquezas era apenas o começo da

¹⁰ QUEIRÓS, s. d., p. 10.

¹¹ QUEIRÓS, s. d., p. 11-12.

mudança de vida e quem seria capaz de cancelar essa mudança de *status* social era apenas a sociedade burguesa.

Teodorico afirma que Topsisius escreveu uma obra intitulada *Jerusalém passeada e comentada*; ao afirmar isso realiza uma paráfrase de dois títulos de poemas épicos do escritor italiano Torquato Tasso (1544-1595): *Jerusalém libertada* e *Jerusalém conquistada* que, na obra de Topsisius, ganham a dimensão prosaica de *passeada e comentada*. Promove, assim, o rebaixamento daquilo que supostamente elogia, indiciando para o leitor oitocentista os reais objetivos do narrador: demonstrar o quanto a sociedade liberal era prosaica, mas se via como extremamente culta; o quanto o gênero épico tornara-se obsoleto; o quanto o gênero da narrativa de viagem perdera sua originalidade e tornara-se entretenimento leve para a burguesia na forma de *Guia Pitoresco*.

Mediante essas constatações, resta saber se Topsisius de fato teria existido ou fora mais uma das invenções de Teodorico para justificar suas ações. Seria possível sustentar a hipótese de que ele não existiu por duas razões. A primeira está relacionada à distância de Topsisius da sociedade portuguesa, parecendo ser intencional e gerando a seguinte suspeita: quem leria em alemão no Portugal do século XIX para, assim, comprovar as citações que Topsisius teria feito? Pouquíssimas pessoas ou quase nenhuma¹². Sendo assim, Teodorico estaria utilizando Topsisius como uma testemunha de autoridade inalcançável, inviabilizando a confirmação das informações. A segunda hipótese diz respeito ao nome do historiador. Topsisius é, provavelmente, de origem greco-latina e não há semelhança etimológica alguma com outros nomes alemães.

Partindo desse princípio etimológico, é provável que Topsisius seja um nome formado a partir de um processo de composição híbrido, que se dá pela junção dos radicais *Top*, do grego *top(o)*, que significa “‘lugar’ que se documenta”, com *Lapsus*, do latim *lapsus*, que significa “descuido, culpa”. A

¹² Uma das hipóteses para essa afirmação estaria no fato de que os índices de alfabetização no final do século XIX, em Portugal, eram baixíssimos. Segundo dados apresentados por João Medina, no ano de 1878, 84,4% da população portuguesa era analfabeta (MEDINA, 2000, p. 47).

partir dessa possibilidade, Topsius significaria “descuido de documentação”, ou, mais livremente, “erro de documentação”, o que caberia perfeitamente ao distinto historiador diante dos aspectos já apresentados até o momento, assim como também se aplicaria ao desfecho do romance, em que, por um descuido, por um erro, há a troca de um documento histórico (uma suposta relíquia) por um documento de vida libertina (a peça íntima de uma ex-amante). Tudo ironia do narrador e mesmo do autor.

Outra hipótese, que não descarta a acima apresentada, é a de que Topsius não seria um historiador, mas a representação de um “movimento” ou escola “histórica” alemã, haja vista que, na época da escrita de Teodorico, 1875, a Alemanha acabava de passar por um momento histórico muito importante: o processo de unificação política e de formação do Império, concluído no ano de 1871. Segundo Julio Bentivoglio (2010, p. 20), nesse período a investigação histórica esteve direta ou indiretamente relacionada à emergência do nacionalismo e à política prussiana e é nessa mesma época que, entre outras, duas escolas históricas, particularmente, se tornaram referências aos jovens historiadores: a *escola rankeana* e a *escola histórica prussiana*, ambas dirigidas por Leopoldo von Ranke, e a corrente que surge com o socialismo, o *materialismo histórico*, que seria desenvolvida por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Conforme Sandra Regina Barbosa da Silva Souza,

O método de investigação e análise de fontes, dos historiadores da escola rankeana, limitava-se apenas a considerar os documentos como expressão irrefutável do “fato”, da realidade. Eles diziam “os documentos falam por si mesmos”. Os fatos falam por si e o que pensa o historiador a seu respeito é irrelevante¹³.

Em contrapartida, Julio Bentivoglio apresenta uma alternativa que ganharia muita notoriedade a partir dos movimentos estudantis que teve seu ponto alto no surgimento d’*A Gazeta Renana de Karl Marx*, em 1842, e, em escala menor com a *Gazeta Alemã de Gervinus*, surgida em 1845. Karl Marx,

¹³ SOUZA, 2006, p. 9.

conforme afirma Bentivoglio, procura produzir ação junto ao povo, em particular os trabalhadores, os **“historiadores prussianos, porém, escreviam para os príncipes e para a burguesia**, embora não desprezassem o diálogo junto à opinião pública, mas para isso se serviam da imprensa”¹⁴ burguesa.

Há de se dizer que Marx não desenvolve sistematicamente um método de investigação científica, o que faz é aplicá-lo a partir de análises do capitalismo que resultaria em sua teoria econômica, que vem a ser a *dialética materialista*.

Como aponta Marilena Chauí (1996), depois que Marx se questiona acerca do que seria a sociedade civil, ele chega a algumas conclusões que se tornariam a base de seu método dialético, da teoria marxista do conhecimento:

A sociedade civil é o processo de constituição das condições materiais da produção econômica pelas quais são engendradas as classes sociais: os proprietários privados dos meios de produção e os trabalhadores ou não-proprietários, que vendem sua força de trabalho como mercadoria submetida à lei da oferta e da procura no mercado de mão-de-obra. Essas classes sociais são antagônicas e seus conflitos revelam uma contradição profunda entre os interesses irreconciliáveis de cada uma delas, isto é, a sociedade civil se realiza como luta de classes.¹⁵

Partindo dessa contextualização histórico-filosófica da sociedade, é possível afirmar que Topsius seria uma representação irônica dos historiadores ligados à escola rankeana, aqueles que acreditavam na isenção do historiador e estavam preocupados em escrever para os príncipes e burgueses. A ironia está no suposto respeito que Teodorico tem por Topsius, já que tudo o que afirma em *A Relíquia* opõe-se frontalmente aos pressupostos daquela escola, mas visaria o mesmo fim: agradar aos que detêm o poder e o dinheiro.

Algumas considerações finais

¹⁴ BENTIVOGLIO, 2010, p. 23, grifo nosso.

¹⁵ CHAÚÍ, 1996, p. 410-411.

Na prática, o contrato fiduciário que Teodorico estabelece com o leitor se dá a partir de três pontos que se complementam entre si: primeiro, Teodorico Raposo se coloca como concidadão de seus leitores, inserindo-se em seu tempo e colocando-se na mesma condição temporal daqueles ao empregar o presente abstrato em sua narrativa; segundo, traz seu cunhado e a obra de Topsisius como argumentos de autoridade para demonstrar que sua viagem de fato ocorreu da forma que narrara; terceiro, o narrador, o Teodorico maduro e experiente, coloca o leitor numa situação ambígua, uma vez que as paulatinas ilações e conclusões que retira de sua experiência de vida não guardam qualquer vínculo com a vida moral do leitor, seja esta qual for.

Desse modo, os recursos discursivos empregados por Teodorico Raposo para estabelecer contato com seu leitor são frágeis, porém pensados para ludibriar e fazer com que o leitor menos atento acredite nas façanhas que o narrador afirma trazer como lições para a vida daqueles que se dedicaram a ler suas memórias.

Eça de Queirós emprega todas essas estratégias narrativas, por outro lado, como marcas para produção da ironia frente aos costumes de uma sociedade burguesa, presa a valores estigmatizados historicamente, mas que servem apenas como um véu que cobre toda uma hipocrisia social, cheia de interesses e ambições, próprias da sociedade capitalista em ascensão no século XIX.

Referências

BENTIVOGLIO, Julio. “Cultura Política e Historiografia Alemã No Século XIX: A Escola Histórica Prussiana e a Historische Zeitschrift”. In: **Revista de Teoria da História**. Ano 1, Número 3, junho/ 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1996.

CUNHA, Maria do Rosário. **Molduras**: Articulações Externas do Romance Queirosiano. Coimbra: Universidade Aberta, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2009.



Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes

Dossiê Literatura e Afeto

v. 18, nº 2, 2018. ISSN: 2179-6793

MATOS, A. Campos. **Eça de Queiroz** – Fotografia Vida e Obra. São Paulo: Leya, 2010.

MEDINA, João. **Reler Eça de Queiroz** – Das Farpas aos Maias. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

QUEIRÓS, Eça de. **A Relíquia**. Porto: Lello & Irmão, s. d.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. **A Relíquia**: Duplicidade do Sujeito na Ficção Queirosiana. In: **150 anos com Eça de Queirós** – Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos. São Paulo: FFLCH-USP, 1997.

SOUZA, Sandra Regina Barbosa da Silva. **Historiografia**. Salvador: FTC EaD, 2006.

Marcio Jean Fialho de Sousa é doutor e mestre em Letras, na área de Literatura Portuguesa, pela Universidade de São Paulo - USP. Pós-doutorou-se em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP. É especialista em Teologia, pela UNIFAI da PUCSP, e em Língua Inglesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Atualmente é Docente na Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES, credenciado no Programa de Mestrado, e desenvolve seu segundo Pós-doutorado, na área de Estudos Literários na UNIMONTES. Em 2017, recebeu o Título Professor Paulista na Câmara dos Vereadores de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas de Língua Portuguesa, Ensino e Estudos da Linguagem, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Literatura Portuguesa, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Escrita Autobiográfica; Eça de Queirós, Teolinda Gersão, Florbela Espanca e Ensino de Língua Inglesa.